

2) À luz da citação abaixo, discuta como os trechos escolhidos de *Ô, Copacabana*, livro de João Antonio, se relacionam com a ideia de literatura. Quais os traços estilísticos que nele são marcas do literário? Como seu texto se relaciona com outras práticas discursivas, não-literárias?

"Mas temos um (outro) quebra-cabeças aqui. Não há maneiras específicas de organizar a linguagem que nos digam que algo é literatura? Ou o fato de sabermos que algo é literatura nos leva a dar-lhe um tipo de atenção que não damos aos jornais e, conseqüentemente, a encontrar nela tipos especiais de organização e sentidos implícitos? A resposta deve certamente estar no fato de que ambos os casos ocorrem: às vezes o objeto tem traços que o tornam literário, mas às vezes é o contexto literário que nos faz tratá-lo como literatura".

Jonathan Culler, "O que é a literatura e tem ela importância?". Em: *Teoria literária: uma introdução*. São Paulo: Beca, 1999, p.34.

Copa, Copacabana dorme.

Parada, vazia, calada, a Avenida Nossa Senhora de Copacabana parece mais larga, escura, suja. De longe em longe, um e outro carro, ainda aceso na madrugada, rola no asfalto e corta, firme, para os lados de Ipanema. Aproveita a hora, corre mais. Os pneus cantam nos sinais, nas esquinas.

Copacabana dorme de todo. Mesmo nestes cantos do Posto Seis, os de maior movimento, rumor, amores espúrios, trampolinagens, esporros, idas e vindas da noite, Copacabana dorme. Ou antes, na palavra dos freqüentadores da Galeria Alaska:

- A gente não dorme, desmaia.

À noite, conforme se diz, a galeria arrepia. Agora, desceu todas as portas internas e laterais. Inda assim, vista de frente, da porta da delegacia - a 13ª falada, uma das arrelhadas da cidade - parece o último olho meio aberto, meio sonolento, ressacado na manhã.

Passa o caminhão leiteiro, um negro pula da carroceria para a calçada e a caixa de plástico, cheia, para o seu ombro. Leite é largado em saquinhos plásticos aos pés da porta de ferro dos bares laterais da galeria. Para o motorista:

- Vam'simbora!

Antes do negro trepar inteiro na carroceria, o caminhão já arranca.

O litro de leite sumiu do Rio, em seu lugar vieram os saquinhos plásticos, muito brancos, mas brancos a esta hora cinza, chumbo carregado, hora parada, neutra, a que os boêmios e pederastas, os artistas da noite, as mulheres e seus cafetês, as curriolas da galeria chamam de rabo da manhã.

No outro extremo, Avenida Atlântica, os primeiros sinais laranja, amarelo, depois vermelho - os começos do sol. Da porta da delegacia não se vê o mar. Poucos vagabundos dormindo nas portas das boates ou das barbearias. Um gato passeia, fareja, rosna, se agacha, aproveita algum resto de noite, que na madrugada, muito louca e azoadada, a galeria só sossega depois de muita fervura, desmunhecamentos, tropel, esbórnia.

João Antônio (1937-1996), *Ô, Copacabana*. S.Paulo: Cosac Naify, 2001, p.72-73.

3) Analise e discuta *Ô, Copacabana*, de João Antônio do ponto de vista da filiação aos gêneros literários. Que gênero nele predomina: lírico, épico ou dramático? Que traços estilísticos importantes de outros gêneros nele se fazem presentes?

4) Analise as marcas da linguagem lírica, com especial atenção ao processo de composição imagética, em "Tecendo a manhã", de João Cabral de Melo Neto.

Tecendo a manhã

Um galo sozinho não tece a manhã
ele precisará sempre de outros galos
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito que um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.

2

E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo,
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão.

João Cabral de Melo Neto, *A Educação Pela Pedra* (Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1966)

“Épica, dramática ou lírica, condensada numa frase ou desenvolvida em mil páginas, toda imagem aproxima ou conjuga realidades opostas, indiferentes ou distanciadas entre si. Isto é, submete à unidade a pluralidade do real. Conceitos e leis científicas não pretendem outra coisa. Graças a uma mesma redução racional, indivíduos e objetos – plumas leves e pedras pesadas – convertem-se em unidades homogêneas. [...]. A operação unificadora da ciência mutila-as e empobrece-as. O mesmo não ocorre com a poesia. O poeta nomeia as coisas: estas são plumas, aquelas são pedras. E de súbito afirma: as pedras são plumas, isto é aquilo. Os elementos da imagem não perdem seu caráter concreto e singular: as pedras continuam sendo pedras, ásperas, duras, impenetráveis, amarelas de sol ou verdes de musgo: pedras pesadas. E as plumas, plumas: leves. A imagem resulta escandalosa porque desafia o princípio de contradição: o pesado é o leve. Ao enunciar a identidade dos contrários, atenta contra os fundamentos de nosso pensar. Portanto, a realidade poética da imagem não pode aspirar à verdade. O poema não diz o que é e sim o que poderia ser. Seu reino não é o do ser, mas o do ‘impossível verossímil’ de Aristóteles.”

Paz, Octavio. *O Arco e a Lira*. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p.120-21.

5) Comparando “Ô, Copacabana” e “Tecendo a manhã”, analise o emprego dos seguintes recursos retóricos: o uso mais ou menos intensivo das imagens; a exploração mais ou menos acentuada da (con) fusão entre som e sentido; a maior ou menor clareza no desenho lógico-discursivo; a maior ou menor descritividade e referencialidade. O que esta análise nos diz sobre a ideia da pureza dos gêneros? Como ambos se relacionam com a ideia de verdade e de versossimilhança?